

# Réplica do sapato do “gigante Guyposcoano”: ressignificação do objeto nas coleções da Universidade de Coimbra

## Replica of the ‘Guyposcoano giant’s’ shoe: re-signification of the object in the collections of the University of Coimbra



99

**Maria do Rosário Martins<sup>1a\*</sup>, Vítor M. J. Matos<sup>2,3b</sup>,  
Carla Coimbra Alves<sup>4c</sup>, Ana Luísa Santos<sup>2,5d</sup>**

**Resumo** No acervo do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, herdeiro do Museu de História Natural e do Museu Antropológico, conserva-se a réplica do sapato direito de Miguel Joaquín de Eleicegui Ateaga (1818–1861), conhecido como “gigante Guyposcoano”, cuja estatura seria 2,42 m. Este homem tornou-se figura de destaque em exposições públicas, percorrendo cortes europeias, cidades e vilas. O presente estudo reconstrói a trajetória deste objeto, desde a sua produção até à incorporação nas coleções universitárias, e reflete sobre o seu valor enquanto testemunho histórico, científico e museológico. O sapato em pelica

**Abstract** In the collections of the Science Museum of the University of Coimbra, heir to the former Museum of Natural History and the Anthropological Museum, there is a replica of the right shoe of Miguel Joaquín de Eleicegui Ateaga (1818–1861), known as the “Guipuscoan giant”, whose stature is reported to have been 2.42 m. He became a prominent figure in public exhibitions, travelling through European courts, cities and villages. This study reconstructs the trajectory of this object, from its production to its incorporation into the university collections, and discusses its value as an histori-

<sup>1</sup> Universidade de Coimbra, Portugal.

<sup>2</sup> CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra, Portugal.

<sup>3</sup> Departamento de Biologia, Escola de Ciências e Tecnologia, Universidade de Évora, Portugal.

<sup>4</sup> MCUC – Museu da Ciência, Universidade de Coimbra, Portugal.

<sup>5</sup> Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Portugal.

<sup>a</sup> [orcid.org/0000-0002-4380-7395](https://orcid.org/0000-0002-4380-7395), <sup>b</sup> [orcid.org/0000-0003-2620-7352](https://orcid.org/0000-0003-2620-7352), <sup>c</sup> [orcid.org/0000-0001-8059-7545](https://orcid.org/0000-0001-8059-7545),

<sup>d</sup> [orcid.org/0000-0001-6073-1532](https://orcid.org/0000-0001-6073-1532)

\* Autor correspondente/Corresponding author: [mrarmartins@gmail.com](mailto:mrarmartins@gmail.com)

verde, com 39,5 cm de comprimento, 13 cm de largura e 11,5 cm de altura, foi confeccionado pelo sapateiro António Claudino e fez-se acompanhar por um manuscrito do Pároco António José Afonso, atestando a sua autenticidade e a estada de Miguel Joaquín em Sintra, em julho de 1844. O objeto foi posteriormente averbado no inventário de 1881 do Gabinete de História Natural da Universidade de Coimbra. Decorridos 181 anos desde a passagem de Miguel Joaquín por Portugal, esta investigação revela como este artefacto documenta a sua presença no país, reforçando o conhecimento sobre as coleções da Universidade de Coimbra e promovendo a revalorização deste testemunho singular do património museológico.

**Palavras-chave:** Gigantismo; séc. XIX; Museu da Ciência; Miguel Joaquín de Eleicegui Ateaga; Altzo; Espanha.

## Introdução

No acervo do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC), herdeiro do Museu de História Natural e do Museu Antropológico, existem muitos objetos cuja informação disponível é escassa, limitando-se por vezes a uma referência no inventário. Nalguns casos, foram realizados estudos que acrescentaram dados relevantes e permitiram enquadrar alguns destes espécimes. A título de exemplo, podem mencionar-se os trabalhos sobre um bastão em dente de narval (Martins, 1999/2000), um esqueleto de hipopótamo (Rufino e Tavares, 2018) ou a coleção frenológica (Pereira, 2020).

cal, scientific and museological witness. The shoe, made of green leather and measuring 39.5 cm in length, 13 cm in width and 11.5 cm in height, was crafted by the shoemaker António Claudino and accompanied by a manuscript by the parish priest António José Afonso, attesting to its authenticity and to Miguel Joaquín's stay in Sintra in July 1844. Later recorded in the 1881 inventory of the Cabinet of Natural History, this artefact documents his presence in Portugal, deepens knowledge of the University of Coimbra's collections and supports the reappraisal of this singular piece of museological heritage.

**Keywords:** Gigantism; 19<sup>th</sup> century; Science Museum; Miguel Joaquín de Eleicegui Ateaga; Altzo; Spain.

Tomando como referência a proposta de Alberti (2005: 560) de seguir a “vida” ou “carreira” metafórica dos objetos, das suas trajetórias às relações que estabelecem, é possível compreender a história dos museus e revelar novos sentidos, tanto nas peças de proveniências remotas quanto nos artefactos mais comuns.

O presente estudo tem como objetivo divulgar a pesquisa que permitiu conhecer a história da réplica do sapato de um indivíduo conhecido como o “gigante Guyposcoano” e, subsequentemente, reconstruir a trajetória desse homem, cuja condição patológica o projetou como um “gigante profissional” de noto-

riedade internacional. Esta investigação procura refletir sobre a ressignificação das coleções museológicas, evidenciando de que modo objetos como este sapato, além de sua dimensão histórica, mostram a relatividade dos olhares que se estabelecem em diferentes épocas.

### O ponto de partida: descrição do sapato

O sapato em análise apresenta 39,5 cm de comprimento, 13,0 cm de largura e 11,5 cm de altura. Foi manufaturado em pelica verde, raso, com biqueira retangular e recorte no peito do pé que forma uma espécie de paleta (Figura 1). O calcanhar, ligeiramente alteado, exhibe dois ornamentos arredondados. A sola, em couro, foi cosida manualmente às paredes da estrutura, cujo interior é forrado em tecido de algodão de cor creme.

O exemplar foi acompanhado por um pequeno livro manuscrito (Figura 2), redigido por António José Afonso, à épo-

ca Pároco da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, em Lisboa, no qual atesta a sua autenticidade. Apesar do livro original se ter extraviado, a fotocópia existente permite analisar o conteúdo que aqui se transcreve:

*Certifico que no dia 20 de Julho de 1844 fui a Villa de Cintra ver um Gigante que para ali tinha vindo no dia 17 do m.mo mez e anno e se foi no dia 22 do m.mo. Era Hespanhol, natural de Guipuscoa, e o maior que tem aparecido em Lisboa e p<sup>a</sup> conservar uma memoria da sua grandeza pedilhe que me vendesse um çapato uzado, porem recusou, dizendo não ter demais: mandei chamar um çapateiro, este levou a craveira, mas não chegou e tomou medida para um papel, e me que fez por ella este çapato que he do m.mo talhe e da m.ma materia dos que elle Gigante trazia.*

*Por esta deligencia me fizeram pagar tres vezes mais do que se costumava que erão 160 r por pessoa. Este Gigante no dia 18 do*



**Figura 1.** Réplica do sapato direito do “gigante Guyposcoano”: 39,5 cm de comprimento, 13 cm de largura e 11,5 cm de altura (MCUC.ANT.90.10.46). [Fotografia de Sandra Santos]

*dito mez foi ao Paço a chamado da Rainha que então ali se achava a qual lhe deu uma peça de (antigam.te) 6400 r nesse tempo 7.500 r e hoje 8.000 r.*

*Era todo proporcionado e bem feito, vi que tinha de alto 64 polegadas e com um chapeo alto na cabeça lhe passava p. baixo do braço q. elle estendia horizontalmente e não lhe tocava outros mais altos que eu fizirão a m.ma experiencia e não lhe chegavão ao braço.*

*Não era impostor na sua altura nem grossura porque os çapatos que usava erão tais como este, sem salto algum e o chapeo era de meia copa.*

*O Conde de Cea que ali se achava disse que conservava um osso da perna (canela) de um gigante o maior de que havia noticia, mandou-o buscar confrontou-se com o do Guipusciano Gigante e vio-se que este era maior. Tirei a medida do palmo e da altura que conservei alg.m tempo em uma regoa, mas em 1846 levou-me descaminho, conservando este çapato que mandei fazer ao dito çapateiro Claudino de S. Pedro de Penaferrim fazendo-lhe passar certidão na solla do m.mo çapato, cuja letra por estar apagada pelo tempo a avivei mas conservando todas as palavras e letras. Tudo aqui dito fica o Attesto e Certificado in fide Sacerdotis. E para memoria passo esta que assigno e juro. Parochial Igr.a de N. Senhora da Encarnação de Lisboa.*

*30 de Dezembro de 1855*

*O P.e Thesoureira e Coad.jor*

*António J.e Affonso [assinatura autógrafa]*

De acordo com o manuscrito, o “gigante Guypuscoano” seria natural da

província de Guipuzcoa, no País Basco, e teria permanecido em Sintra entre os dias 17 e 22 de julho de 1844. Em 18 de julho foi chamado ao Paço, a pedido da Rainha D. Maria II<sup>1</sup>. Dois dias depois, em 20 de julho, o Pároco António José Afonso assistiu à atuação naquela vila e, impressionado com a estatura do indivíduo, solicitou-lhe a venda de um sapato usado. Como não possuía outros sapatos, o Pároco encomendou a António Claudino, mestre sapateiro de São Pedro de Penaferrim (antiga freguesia do concelho de Sintra), a confeção de um exemplar idêntico, reproduzido com o mesmo talhe e material. A medida foi obtida em papel porque a craveira era demasiado pequena e o custo do sapato foi três vezes superior ao habitual.

Relativamente à presença em Sintra do Conde de Seia (antiga grafia: *Cea*) aquando da exibição do gigante naquela vila, regista-se a sua comparação com outro indivíduo de grande estatura, do qual guardava um osso da perna, possivelmente uma tíbia. Segundo o relato, o homem ali exibido superava as medidas do anterior, não sendo, contudo, mencionada a sua identidade. Presume-se que o Conde de Seia fosse D. António Manuel de Menezes (1788–1848), 1.º Conde de Seia, título nobiliárquico criado por D. João VI, Par do Reino e Capitão de Fragata da Armada Real, em 13 de maio de 1820 (Lemos, 2020).

<sup>1</sup> D. Maria II (Rio de Janeiro, 4.5.1819–15.11.1853), cujo nome completo era Maria da Glória Joana Carlota Leopoldina da Cruz Francisca Xavier de Paula Isidora Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga.

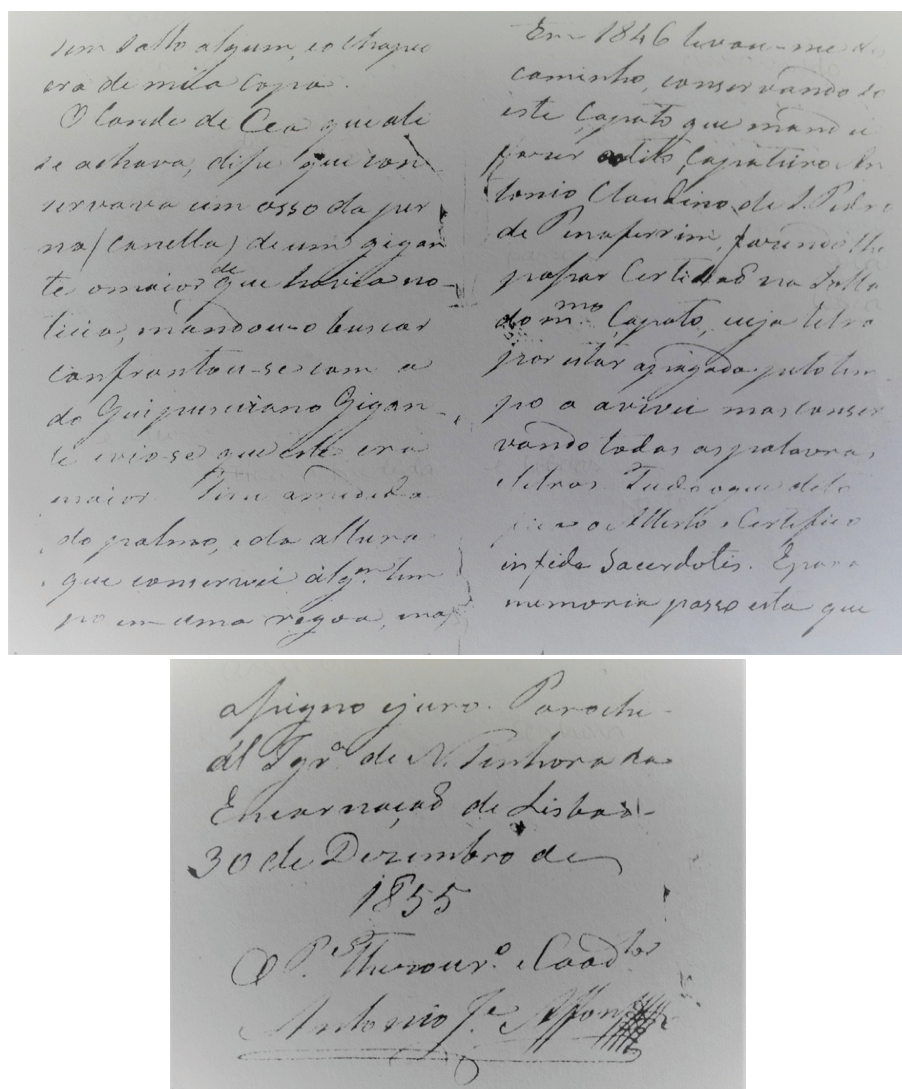
Certifico que no dia  
20 de Junho de 1844 fui a  
visita de dentro ver um gigante  
te que para ali tinha vin-  
do no dia 17 do m<sup>to</sup>. mez can-  
no, e se foi no dia 22 do m<sup>to</sup>.  
Era Hypanhot, natural da  
Guaymas, eo maior que  
tem apparecido em Lisboa e  
p<sup>ra</sup> comemorar uma memo-  
ria da tua grandezza pe-  
dithe mil vendes e um la-  
pato arado, por um meu  
coo, christico na d<sup>ta</sup> ler de  
maiz: mandei chamar  
um capaturo, este levou

levou a Cravira, mas  
nao chegou, e tornou a des-  
da p<sup>ra</sup> um prapet, em e-  
per por ella este Capato qua-  
be do m<sup>to</sup>. lathe, cham<sup>me</sup>. ma  
teria das que elle gigante  
travias.

Por esta diligencia me  
fizerao prapet tres vezes  
maiz do que se costumava  
que fora 160<sup>0</sup> p<sup>ra</sup> p<sup>ra</sup> p<sup>ra</sup>  
soar. Este gigante no dia  
18 do m<sup>to</sup>. mez foi ao p<sup>ra</sup>  
achamado da Rainha que  
estada ali se achava a qual  
tho due uma peca de pan

teigante.) 64.000<sup>0</sup> m<sup>to</sup> p<sup>ra</sup> p<sup>ra</sup>  
pro 7.500<sup>0</sup> e hoje 8.000<sup>0</sup>.  
Era todo, e proporcionado, e  
ap<sup>ra</sup> p<sup>ra</sup>, de que tanto de  
alto 64 p<sup>ra</sup> p<sup>ra</sup> e com um  
chupao p<sup>ra</sup> na labia the  
prapet p<sup>ra</sup> baixo do braço  
q<sup>ue</sup> elle entendia orizantal-  
mente enad the loca e  
a outras mais altas que as  
p<sup>ra</sup> p<sup>ra</sup> p<sup>ra</sup> p<sup>ra</sup> p<sup>ra</sup> p<sup>ra</sup>  
enad the chamada ao braco.  
Mas era insignificante na sua  
altura e não se p<sup>ra</sup> p<sup>ra</sup> p<sup>ra</sup>  
que as lapet<sup>as</sup> de que era  
na enad tais como este, tem





**Figura 2.** Cópia do certificado original manuscrito pelo Pároco António José Afonso, assinado em 1855.

Para além deste manuscrito, datado de 30 de dezembro de 1855, nota-se a preocupação do Pároco em reforçar a autenticidade do objeto através de uma inscrição na sola do sapato. Redigida a tinta preta, a nota de julho de 1845, assinada

por António Claudino, confirma a veracidade da confeção (Figura 3). Este detalhe acrescenta um significado especial ao objeto, revelando não apenas o cuidado em preservar a memória da sua origem, mas também a intenção de garantir a credibi-

lidade do testemunho material. Transcreve-se de seguida o texto manuscrito:

António Claudino

Mestre çapateiro residente no lugar e freguesia de S. Pedro de Cintra certifico e juro em como no dia 20 de julho de 1844 foi à vila de Cintra a casa de Manoel Espanhol a rogos do Padre António Affonso para tomar a me[d]ida a um gigante natural da Provincia de Guiposcoa na Hespanha que para ali tinha vindo no dia de dezacete do mesmo mez e anno e se foi no dia 22.

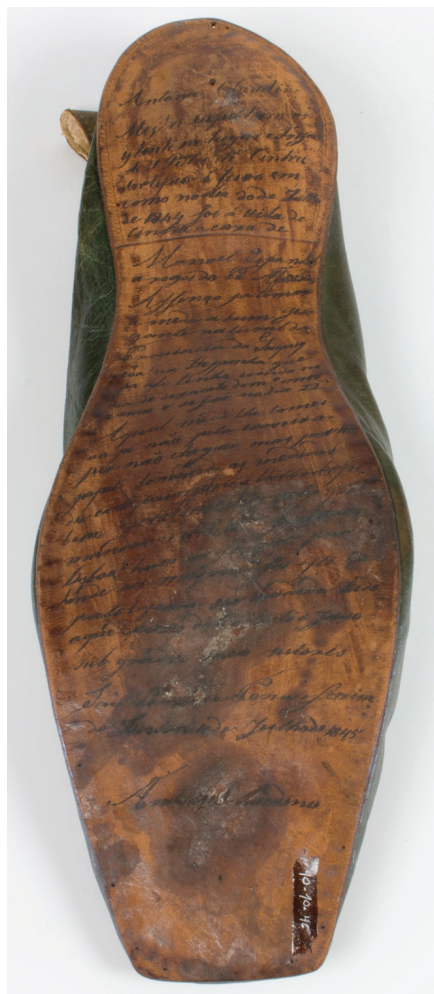
Aqual me[d]ida lhe tomei no pe não pela craveira por não chegar mas para papel tomando as medidas do comprimento d'altura do pe bem os calcanhares(?) pelo qual mandou o dito Padre fazer em Lisboa huma versão(?) por honde eu mesmo fis este çapato em grande cuidado tudo o que deixo disto escrito(?) e juro sub graça do meu sustento.

São Pedro de Penaferrim.

Dezassete de Julho de 1845

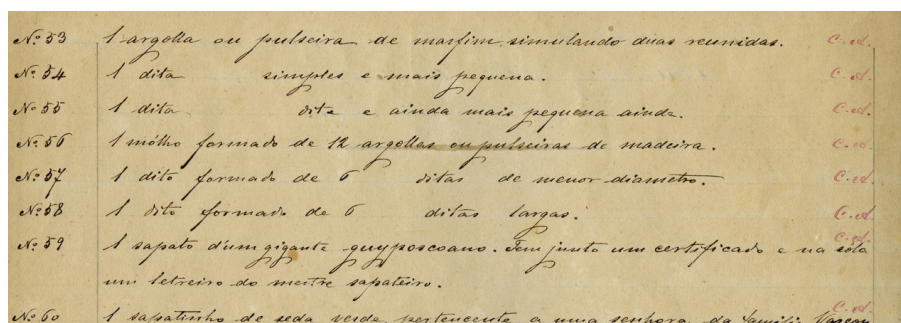
António Claudino [assinatura autógrafa]

A qualidade do texto e da caligrafia da inscrição na sola do sapato pode suscitar dúvidas quanto à autoria, especialmente considerando o contexto educativo de Portugal em meados do século XIX. Estima-se que, nessa época, a taxa de analfabetismo no país rondasse os 75%, sendo ainda mais elevada nas zonas rurais e entre as classes sociais menos favorecidas (Magalhães, 1996). Neste contexto, é plausível que um mestre sapateiro tivesse competências limitadas. Torna-se, assim, possível que tenha



**Figura 3.** Certificado de autenticidade escrito na sola do sapato assinado pelo mestre sapateiro António Claudino. [Fotografia de Sandra Santos]

contado com a assistência de uma pessoa com maior domínio da escrita para redigir a inscrição, prática comum entre quem não dominava as letras. No entanto, o Pároco António José Afonso apenas afirma, no manuscrito datado de 1855 (Figura 2), que por a letra “estar apagada



**Figura 4.** Descrição do sapato do “gigante Guyposcoano” patente no inventário de 1881 do Museu de História Natural.

pelo tempo a avivei, mas conservando todas as palavras e letras”.

### O sapato e o Museu de História Natural

Deduz-se que a oferta da réplica do sapato ao Museu de História Natural da Universidade de Coimbra tenha ocorrido em data próxima, ou posterior, a 30 de dezembro de 1855, indicada no manuscrito. O sapato surge pela primeira vez no inventário de 1881<sup>2</sup>: *Inventário dos objectos existentes na colecção ethnographica do Museu em Novembro de 1881*, com o número 59 e a referência na margem direita à *Coleção Antiga* (C.A.), escrita a vermelho, onde se pode ler: *1 sapato d’um gigante Guyposcoano. Tem junto um certificado e na sola um letreiro do mestre sapateiro* (Figura 4). O sapato permaneceu sem registo de número de inventário até 1990 (111 anos mais tarde), data em que recebeu o atual registo

(MCUC.ANT.90.10.46) e foi descoberta a sua identidade neste inventário histórico, deixando o anonimato.

Esta investigação conferiu ao objeto um novo estatuto no Museu contribuindo para novas trajetórias, conteúdos históricos e científicos multidisciplinares.

A etiqueta que acompanhava este testemunho (Figura 5), hoje bastante danificada, apresenta a seguinte legenda:

*Portugal.*

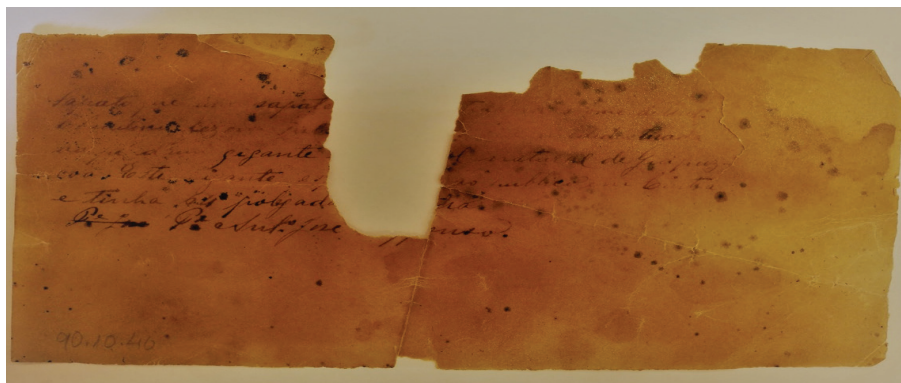
*Sapato que um sapateiro de Cintra por nome de António Claudino fez em Julho de 1844 por medida tirada ao pé de um gigante hespanhol, natural de Guipuzcoa. Este gigante espunha-se ao publico em Cintra e tinha 64 polegadas de altura.*

*Pe Ant.º José Affonso* [assinatura autógrafa]

Recorde-se que o Gabinete, ou Museu, de História Natural da Universidade de Coimbra foi criado pela Reforma Pombalina de 1772, como anexo à Faculdade de Filosofia Natural, sendo instalado, em 1775, no Colégio de Jesus (Simões et al., 2013). Tendo sido o primeiro museu públi-

<sup>2</sup> Documento manuscrito, não assinado, existente no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. Pode ser consultado no artigo *O contexto museológico da antropologia da Universidade de Coimbra, uma síntese histórica* (Amaral et al., 2013: 155–156).





**Figura 5.** Etiqueta original que acompanhou a réplica do sapato.

co português dedicado a esta área científica, em 1855 já não detinha essa exclusividade, o que permite questionar qual o motivo do envio da réplica para Coimbra. Uma possível explicação poderá residir no reconhecimento desta instituição como guardiã de curiosidades e excentricidades da natureza como eram apelidadas à época malformações congénitas e outras doenças — como o nanismo ou o gigantismo — cujas etiologias eram desconhecidas e que despertavam a atenção de colecionadores, médicos, cientistas e do público (Raminelli, 1998; Martins et al., 2009/2010; Ceríaco et al., 2013).

De referir que existem no Museu outros objetos, esqueletos e corpos de animais que se podem enquadrar nesta classificação. Domingos Vandelli (1730–1816), primeiro diretor do Museu, tinha defendido a tese *Dissertatio de monstis*, na qual abordava questões teratológicas e o estudo de anomalias na natureza (Ceríaco et al., 2013). Posteriormente, foi criado na Universidade de Coimbra

o Museu de Anatomia Patológica (Mirabeau, 1872) que, à semelhança de instituições congéneres em Portugal e noutros países, possui ossos, órgãos, entre outros tecidos humanos e de animais, com variadas doenças e que eram essencialmente usados no ensino. O fascínio pelo gigantismo — aliado ao desconhecimento da sua causa — levou a que as pessoas afetadas por esta condição continuassem a ser exibidas mesmo após a morte, em museus, através de objetos pessoais ou dos seus próprios esqueletos, como sucedeu, entre outros casos, com Charles Byrne no *Hunterian Museum* (Doyal e Muinzer, 2011).

Tanto no pequeno livro, como no certificado inscrito na sola do sapato, nunca foi mencionado o nome do gigante espanhol — apenas a sua proveniência, Guipuzcoa. Não se encontram igualmente dados relativos à sua genealogia, às suas exibições em território português, nem à sua história de vida. Apenas se conhecida a réplica do sapato de um

homem cuja estatura excedia, em muito, a média da população da época: media 64 polegadas de altura. A correspondência dessa medida para o sistema métrico não é de determinação imediata. A definição de polegada, atualmente em vigor, equivalente a 25,4 mm, foi estabelecida apenas em 1959. Durante o século XIX, em Portugal, tal como noutros países, existiam múltiplas unidades de medida e fatores de conversão, e mesmo depois da implantação do metro continuaram a ser utilizadas. O metro passou por várias etapas de definição e oficialização, tendo sido depositado o protótipo em platina — o *Mètre des Archives* — nos Arquivos da República Francesa em 1799 (Pellegrino, 2024). Em Portugal, o sistema métrico decimal foi oficialmente adotado por decreto de D. Maria II, em 13 de dezembro de 1852, tornando-se obrigatório a partir de 20 de junho de 1859, nomeadamente para facilitar as transações comerciais, apesar de que continuou a não ser universalmente utilizado (Pellegrino, 2024).

As razões que terão levado o Pároco Afonso a solicitar ao gigante um dos seus sapatos — pelo qual pagou um valor considerável — bem como a redigir e assinar o respetivo documento apenas em 1855, onze anos após o dia em que se encontraram, permanecem incertas. Do mesmo modo, não é clara a motivação de António Claudino ao inscrever na sola 1845, isto é, um ano após a apresentação de Miguel Joaquín em Sintra. Poder-se-á inferir, relativamente à primeira questão, que o Pároco terá solicitado o fabrico do

sapato com o intuito de preservar a memória da grandeza física deste homem. Tal prática encontra paralelo nas coleções exibidas em gabinetes de curiosidades ou nas então designadas “monstruosidades da natureza” do século XIX, em que as doenças em humanos, animais ou plantas, ou fenómenos excecionais eram frequentemente valorizados como relíquias ou provas materiais de raridades da natureza. Neste contexto, o sapato adquiriria uma dimensão simbólica, funcionando como evidência da passagem de um gigante por Portugal e, simultaneamente, como testemunho da experiência direta do Pároco Afonso perante essa figura singular.

Quer a biografia dos objetos, quer a trajetória dos indivíduos constituem abordagens que oferecem contributos relevantes para a história da ciência (Alberti, 2005). Esta réplica, contrariamente a outros objetos, não teve vida própria pois a sua confeção foi encomendada e enviada ao Museu de História Natural, com documentação específica que o validava, assegurando, assim, uma ligação duradoura entre pessoas e objeto.

O ato de colecionar obedece, em si mesmo, a uma predisposição construtiva do ser humano na sua relação com o mundo que o envolve, estabelecendo-se, assim, uma ligação intrínseca entre o sujeito e o objeto. Como refere Alberti (2005: 564) “[c]oletar era civilizador; posteriormente, doar a um museu digno garantia que tal ato permanecesse visível na perpetuidade”.

De acordo com o processo de classificação proposto por Pearce (1992: 68-88), podem identificar-se, no contexto museológico, coleções de carácter testemunhal: objetos que eram recolhidos pelo facto de representarem o diferente ou o exótico, servindo posteriormente como testemunhos materiais das paragens, povos e territórios visitados.

O percurso museológico deste espécime, por não apresentar informações precisas quanto à data e ao responsável pela sua incorporação, enquadrou-o no Gabinete de História Natural da Universidade de Coimbra, no núcleo designado por *Colecção Antiga* (Baptista, 2000: 14; 33). Ao que foi possível apurar, foi exibido pela primeira e única vez no Museu de História Natural, em 2000, integrado na exposição *Gabinete de História Natural – Revivências* (Martins, 2000: 21-22).

### Para além de um sapato

Através de leitura de um artigo publicado na revista *Neurosciences and History* alusivo ao esqueleto de um *Gigante da Extremadura*, nascido em Espanha no século XIX (Giménez-Roldán, 2018), chegou-se à referência do gigante proveniente de Altzo (Guipúzcoa). Esta coincidência, associada à menção da sua passagem por Portugal, permitiu concluir que o gigante referido pelo Pároco Afonso seria Miguel Joaquín de Eleicegui Ateaga, nascido a 10 de julho de 1818 na vila de Ipintza de Altzo Azpi e falecido no mesmo local a 20 de novembro de 1861. Era filho de Miguel António Eleicegui

Argaya (1790–1872) e Ignácia Antónia Ateaga Irazusta (1785–1829), quarto de nove irmãos (Gómez, 2018: 51–54).

A primeira referência de relevo à sua pessoa data de 15 de janeiro de 1843, no jornal madrileno *El Corresponsal*, escrita por um subscritor de Tolosa, que descrevia um jovem de estatura excecional (2,09 m), filho de uma família numerosa residente em Altzo (*El Corresponsal*, 1843: 4).

A sua carreira iniciou-se a 19 de março de 1843, em Donostia, e continuou em Madrid<sup>3</sup>, em setembro do mesmo ano (Gómez, 2018: 69–70). O modelo de exibição mantinha-se constante: apresentava-se em residências localizadas em ruas centrais, cobrando uma ou duas moedas por espectador. Posteriormente, exibiu-se em França e Inglaterra, em teatros, hotéis, cafés e salas de espetáculo, anunciado por cartazes e periódicos locais, nunca em circos ou barracas de feira (Gómez, 2018: 74).

Miguel Joaquín recebeu diferentes apelidos conforme o país onde se encontrava: em Espanha, “Gigante Guipuzcoano”, “Gigante Espanhol”, “El Gigante Vasco”, “El Gigante de Altzo”, “El Gigante de Altzo (Guipúzcoa)”, “Gigante acromegálico”, “Gigante profesional del mundo del espectáculo”; em Portugal, “Gigante Hispanhol”; em França, “*Géant Espagnol*”; e em Inglaterra, “Spanish Giant” ou “Spanish Goliath” (Gómez, 2018: 19–20).

Segundo a *Revista Universal Lisbonense* de 5 de junho (1844a: 509), o gi-

<sup>3</sup> Múgica (1896: 410) afirma que a primeira exibição foi em Bilbao.

gante chegou a Lisboa «fresquinho, é melhor disseramos frescão, de Guipuzcoa... D. Joaquim Eleizegui é o seu nome. O seu comprimento (como poderão verificar os que à porta da casa nº 53 na praça de D. Pedro [atual Rossio] pagarem 100rs) 92 polegadas hispanholas: a sua largura de unha a unha, abertos os braços, ainda maior que o seu comprimento: o seu todo muito proporcionado: as suas forças brutas, mas o seu genio pacífico. Quem o vê não imagina como um barbeiro ha-de poder quando lhe vier a barba (porque os seus vinte e dois annos ainda a não tem<sup>4</sup>) escanhoar e pentear aquillo sem andaimos. O espectador faz sem querer, sobre a sorte d'este ente privilegiado, reflexões muito melancolicas... Ignoramos ainda os pormenores da sua biographia: as dimensões do pae e da mãe... a copia das suas refeições, os seus passatempos, e o em que mais frequentemente se intertém uma cabeça moradora n'uma região tão superior à nossa». Terminando a nota com "[a] exhibição d'este philisteu é todos os dias desde as onze da manhã até ás duas da tarde".

A 13 de junho de 1844 a mesma *Revista Universal Lisbonense* (1844b: 522) volta a noticiar algumas particularidades acrescentando que «nasceu de paes de uma estatura para menos de regular; tem 7 pés e 9 polegadas de altura; desde a extremidade de uma e outra mão 8 pés e 4 polegadas; alcança com a mão a altura de 10 pés e 2 polegadas; o seu pé tem de com-

prido 17 polegadas e meia; o seu palmo 14 polegadas».

A 11 de julho de 1844 (*Revista Universal Lisbonense*, 1844c: 569) informa a iniciativa como *Outro Espectáculo Novo*: «Corre por certo que na corrida de toiros do proximo domingo, no mesmo campo de Sancta Anna<sup>5</sup>, figurará o famoso gigante hispanhol que os nossos leitores já conhecem. Se assim for, teremos provavelmente outro escusado e deshumano passatempo como o de domingo precedente, porque o gigante — homem ainda e mais pacífico do seu natural que o gigante — bruto, falto de forças corporaes e parecem-nos que também da ligeireza indispensavel para semelhantes exercícos: mas como todo o empenho é cevar bem a rede para pescar com que encher as trincheiras e a bolsa, attenta a credulidade do vulgo necio e ocioso, ninguem dirá que não seja a coisa muito bem calculada»<sup>6</sup>.

Nestes artigos a popularidade da figura de Miguel Joaquín é destacada indicando diversos dados interessantes, locais onde se apresentou, estatura, custo das entradas e horários. A publicação releva a largura dos braços, proporções corporais, força física e temperamento pacífico, bem como a exibição diária entre as 11h e as 14h. Da passagem por Sintra não se conseguiu obter outras referências, para além das transmitidas pelo sapato, não tendo

<sup>4</sup> Miguel Joaquín cumpria em 1844 a idade de 26 anos não correspondendo ao anunciado.

<sup>5</sup> Situado em Lisboa, na freguesia de Arroios, designado por Campo dos Mártires da Pátria desde 1879.

<sup>6</sup> Gómez (2018: 98) coloca em causa que Miguel Joaquín tenha chegado a pisar a arena "y que todo fueram meras habladurías". Se assim foi porque terá sido anunciado?

sido possível saber se a Rainha D. Maria II, então com 25 anos, estaria em Sintra ou se Miguel Joaquín, à época com 26 anos, foi visitá-la a Lisboa. De igual modo se desconhece se Lisboa e Sintra foram os únicos locais em que esteve em Portugal. Gómez (2018: 98–99) coloca inclusive uma possível viagem ao Porto para ali se exibir, mas também não foi possível apurar dados que o comprovem.

A 11 de julho de 1844, a revista anunciou-o como “Outro Espectáculo Novo” na corrida de toiros em Santanna, destacando novamente a sua força física e temperamento pacífico, embora sugerindo alguma insuficiência para a prática de exercícios de tourada (*Revista Universal Lisbonense*, 1844c: 569).

Num documento dirigido à Rainha Isabel II (Espanha), datado de 19 de outubro de 1853, Miguel Joaquín solicita a abolição ou dispensa do imposto de 10% cobrado sobre a exibição pública de gigantes, o que não lhe foi concedido (Oses, 1974: 197–199). O documento esclarece que nenhuma das autoridades locais das diferentes capitais europeias, incluindo Portugal, lhe exigira retribuição sobre o preço de um real por pessoa ou meio real para soldados e crianças.

Desse manuscrito podem extrair-se diversas notas de interesse: registou ter 11 palmos e 3 polegadas de estatura e pesar 15 arrobas e a idade indicada, 28 anos, não corresponderia à data da assinatura da petição, quando teria 35 anos. A idade de Miguel Joaquín e as referências às medidas ao longo do

seu percurso apresentam discrepâncias: aparentemente a idade não é atualizada enquanto a altura aumenta dependendo do local e da data das exposições. Esta prática, tinha como objetivo aumentar o impacto do espetáculo e atrair o público.

Neste contexto, coloca-se a questão da fiabilidade da estatura referida pelo Pároco Afonso. Contudo, a descrição que acompanha o sapato sugere que foi confeccionado à escala, refletindo proporcionalmente o tamanho real do pé. Esta evidência material permite, pelo menos em parte, corroborar as dimensões corporais, ainda que os registos escritos apresentem variações ou exageros típicos das práticas de exibição do século XIX. Assim, o sapato funciona como prova tangível, complementando os relatos históricos que, isoladamente, devem ser interpretados com cautela. Não obstante, é importante salientar que os valores das medidas publicados ao longo dos anos podem variar, dependendo da unidade utilizada — palmo castelhano, palmo catalão, pés ou polegadas. Apesar das diversas conjecturas, os registos gravados na pedra da Igreja de São Salvador, em Altzo Alzpi, consignados por Múgica (1896: 412–413), e posteriormente verificados por Ibaibarriaga (1979: 170–171), indicam que Miguel Joaquín terá atingido uma altura de 2,42 m. À data do seu falecimento, contudo, não foi possível registar com precisão a sua estatura (Gómez, 2018: 214–215).

No início da pesquisa desconhecia-se a identidade do “gigante Guyposcoano” que esteve em Sintra em 1844.



Decorridos mais de dois séculos do seu nascimento sabe-se que esta réplica do sapato é um dos muitos objetos que testemunham a sua estatura excecional. São disso exemplo o *molde de madera de haya de una sola pieza del pie izquierdo, con puntera apuntada que termina en un corte recto. Utilizada para la confección del calzado de Miguel Joaquín Eleicegui conocido como el Gigante de Alzo; 36 (long) x 11 (alt.) cm*<sup>7</sup> (Museo San Telmo, San Sebastian — Ref<sup>a</sup> E-003484). Este molde, apesar de não especificar a data em que foi manufaturado, tem 36 cm de comprimento e a réplica existente na Universidade de Coimbra realizada aos 26 anos, 39,5 cm. Também nas representações deste homem se observa um modelo de sapato semelhante ao que aqui se apresenta.

Entre as diversas iniciativas para a recuperação da sua memória destacam-se:

— No final de 2017, o lançamento do filme *Handia* (gigante, em língua basca), codirigido por Aitor Arregi e Jon Garaño, que retrata a vida de Miguel Joaquín Eleizegui Arteaga, enfatizando o seu gigantismo, as exposições públicas e a vida familiar<sup>8</sup>. Apesar de se tratar de uma obra de ficção, por vezes afastada da realidade histórica

(Gómez, 2018), revisitou a figura, tornando-a acessível ao grande público.

— Em 2018, o livro de Luís Ángel Sánchez Gómez — *El Gigante de Altzo: un vasco mítico (aunque muy real) en la Europa del siglo XIX*<sup>9</sup> — constitui uma pesquisa biográfica exaustiva e documentada. O autor dedica vários capítulos a desmistificar mitos e lendas, explorando a trajetória de Miguel Joaquín em diversas localidades e países. No caso de Portugal, embora seja referida a passagem por Lisboa em 1844, Gómez não menciona a sua presença em Sintra.

A ideia veiculada por alguns autores (Múgica, 1896: 411; Ibaibarriaga, 1979: 192, 197), segundo a qual Miguel Joaquín teria sido uma dupla vítima — do seu corpo e dos familiares ou intermediários que o obrigaram a exhibir-se em troca de compensação financeira —, é contestada por Gómez (2018: 250–253): *Joaquín acepta y acierta; era su mejor opción; gana sus buenos dineros, sin demasiado esfuerzo*. Se a itinerância de Miguel Joaquín ocorreu por vontade própria, ou por imposição de terceiros, permanece desconhecida. Não obstante, a evidência documental sugere que não terá morrido na miséria. Nos testamentos por ele outorgados em 1853 e 1861 (Oses, 1974: 199), deixou 24.000 réis ao irmão e 15.000 réis ao sobrinho. Além disso, segundo Múgica (1896: 411), à data do seu falecimento os fundos acumulados ascendiam a 2.500 pesetas.

<sup>7</sup> Património Cultural, Museo San Telmo. Disponível em <https://apps.euskadi.eus/emsime/catalogo/objeto-horma/ciuVerFicha/museo-43/ninv-E-003484>.

<sup>8</sup> A película ganha em 2018 o maior número de troféus (dez estatuetas), no Prémio Goya, nas principais categorias: melhor ator revelação, melhor montagem, melhor direção de produção, melhor direção artística, melhor direção de fotografia, melhor figurino, melhor maquilhagem, melhores efeitos especiais, melhor roteiro original e melhor música original.

<sup>9</sup> Neste livro são indicados outros homens e mulheres contemporâneos portadores de gigantismo ou nanismo.

## Diagnóstico retrospectivo

Existem várias hipóteses acerca da doença que terá afetado Miguel Joaquín, sendo as mais frequentes o gigantismo ou a acromegalia e a tuberculose pulmonar como causa da sua morte (Oses, 1974; Ibaibarriaga, 1979; Herder, 2012; Chapman, 2017; Giménez-Roldán, 2018; Gómez, 2018). A análise da literatura disponível relativamente à progressão do seu crescimento é variável, breve e, por vezes, contraditória, tendo sido a primeira referência publicada em 1847, da autoria de Juan Iztueta (Gorosabel, 1862: 25–26; Múgica, 1896: 410–414; Ibaibarriaga, 1979: 141–216; *in* Gómez, 2018: 38), religioso carmelita que registou periodicamente no lintel da igreja de Altzo Azpi a sua altura.

Segundo Gómez (2018: 60), Miguel Joaquín terá iniciado um crescimento acelerado por volta dos 20 anos, evoluindo rapidamente e despertando atenção pela sua estatura desmesurada: *da un estirón brutal... y ya no para*. O próprio descrevia-se como *un aborto de la naturaleza* (Oses, 1974: 199) eventualmente refletindo a percepção social da sua condição física.

Os diagnósticos retrospectivos são difíceis e nem sempre conclusivos, particularmente se baseados em descrições. No entanto, o conhecimento sobre as doenças que afetaram este indivíduo está mais próximo de ser atingido, uma vez que os vestígios osteológicos foram identificados num ossário da localidade natal. Até então, o esqueleto era considerado desaparecido. Diversos autores haviam

proposto hipóteses para esse desaparecimento (Múgica, 1896; Giménez-Roldán, 2018; Gómez, 2018), incluindo especulações sobre uma possível venda, à qual a família se teria oposto, ou mesmo o roubo da campa (Goikoetxea, 2017). Tais narrativas alimentaram mitos e contradições em torno da figura de Miguel Joaquín. A realidade foi mais simples, a necessidade de reutilização da sepultura, prática comum nos espaços funerários, como igrejas e cemitérios, levou a transladação deste indivíduo para um ossário.

O estudo em curso pelo médico Francisco Etxeberria e sua equipa, cujos resultados preliminares foram apresentados no *XVI Congreso de la Asociación Española de Paleopatología*, em 2022, apontam para o diagnóstico de gigantismo hipofisário e escoliose degenerativa (Herrasti et al., 2022). O gigantismo hipofisário é uma condição rara, geralmente causada pela produção excessiva da hormona do crescimento, etiologia descoberta por Cushing e publicada em 1912, cinquenta e um anos depois da morte de Miguel Joaquín.

## Considerações finais

Decorridos 170 anos sobre a data inscrita na sola da réplica do sapato pertencente ao “gigante Guyposcoano”, o presente estudo revelou novos dados sobre o objeto e sobre o homem, figura que permaneceu anónima nas coleções do Museu de História Natural da Universidade de Coimbra pelo menos desde 1881. Essa singularidade justificou a emissão de dois certificados de auten-

ticidade que acompanhavam o sapato: o primeiro, escrito na sola do sapato e assinado em 1845 pelo sapateiro António Claudino, e o segundo redigido pelo Pároco António José Afonso em 1855.

Miguel Joaquín de Eleicegui Ateaga devido às suas dimensões excecionais, com uma estatura estimada de cerca de 2,42m, despertou grande curiosidade e admiração, deixando uma marca indelével na história dos chamados “gigantes”. Realizou diversas viagens e exposições públicas, em cortes europeias, cidades e vilas, nas quais o seu corpo e imagem eram apresentados — voluntariamente ou não — mediante pagamento.

Para além de contribuir para o enriquecimento do conhecimento sobre as coleções da Universidade de Coimbra, este trabalho demonstra a fiabilidade da réplica do sapato e acrescenta um novo elemento ao percurso itinerante descrito por Gómez (2018), confirmando a passagem do “gigante Guyposcoano” por Sintra. Falecido em 1861, aos 43 anos, a sua vida e morte continuam a suscitar interesse científico, histórico e museológico, tanto na comunidade académica como junto do público em geral.

Espera-se que o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra reconheça a “grandeza” deste homem, preservando e divulgando a réplica, bem como incluindo as informações obtidas por esta pesquisa nos seus catálogos. Respeita-se, assim, a sua memória ao longo dos séculos, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento e valorização do património.

## Agradecimentos

Agradecemos a Ana Margarida Dias da Silva, Teresa Ponce (Patriarcado de Lisboa), Benita Nunes Ferreira (Instituto Diplomático, Ministério dos Negócios Estrangeiros), Cristina Pinto Basto (Biblioteca da Ajuda, Palácio Nacional da Ajuda), Cristina Tomé (Academia das Ciências de Lisboa), Helena Conde (Sociedade das Ciências Médicas), Jacqueline Neves (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), Judite Reis (Gabinete de Estudos Olisiponenses, Câmara Municipal de Lisboa), Maria João Raposo (Câmara Municipal de Sintra), Odete Martins (Arquivo Nacional da Torre do Tombo), Teresa Amaral (Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra), Sérgio Ribeiro Pinto e Sandra Santos. Agradecemos igualmente aos revisores e à editora pelas sugestões apresentadas. Este trabalho resulta da apresentação oral realizada no *VIII Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia*, em 2022, na Universidade de Évora, cujo conteúdo foi posteriormente atualizado pela descoberta dos vestígios osteológicos de Miguel Joaquín de Eleicegui Ateaga.

## Referências bibliográficas

- Alberti, S. J. 2005. Objects and the museum. *Isis*, 96(4): 559–571.
- Amaral, A. R.; Martins, M. R.; Miranda, M. A. 2013. O contexto museológico da antropologia da Universidade de Coimbra, uma síntese histórica. In: Fiolhais, C.; Simões, C.; Martins, D. (eds.). *História da Ciência da Universidade de Coimbra*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra: 129–166.

- Baptista, M. T. 2000. O gabinete de história natural — revivências. In: *Gabinete de História Natural - Revivências*. Coimbra, Museu Zoológico da Universidade de Coimbra: 9–17.
- Ceríaco, L. M. P.; Brigola, J. C. P.; Oliveira, P. 2013. Os monstros de Vandelli e o percurso das coleções de história natural do século XVIII. In: Fiolhais, C.; Simões, C.; Martins, D. (eds.). *História da Ciência da Universidade de Coimbra*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra: 121–132.
- Chapman, I. M. 2017. *Gigantismo e acromegalia*. [Online]. MSD-Manuals. [Acedido em 12-2-2020]. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-pt/profissional/dist%C3%BArbios-end%C3%B3crinos-e-metab%C3%B3licos/dist%C3%BArbios-hipofis%C3%A1rios/gigantismo-e-acromegalia>.
- Cushing, H. 1912. *The pituitary body and its disorders: clinical status produced by disorders of the hypophysis cerebri*. Philadelphia, JB Lippincott.
- Doyal, L.; Muinzer, T. 2011. Should the skeleton of “the Irish giant” be buried at sea? *British Medical Journal*, 343: d7597.
- El Corresponsal. 1843. *Un gigante*. Madrid, 15.02.1843: 4. [Acedido em 30-1-2020]. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bne.es>.
- Giménez-Roldán, S. 2018. The giant of Extremadura: acromegalic gigantism in the 19th century. *Neurosciences and History*, 6(2): 38–52.
- Goikoetxea, A. 2007. *El gigante ha vuelto a Altzo. Una escultura a tamaño natural, cerca de dos metros y medio, de Miguel Joaquín Elícegui preside la plaza de la localidad a la que dio fama*. [Acedido em 7-2-2020]. Disponível em: <https://www.elmundo.es/elmundo/2004/07/21/cultura/1090404000.html>.
- Gómez, L. Á. S. 2018. *El gigante de Altzo: un vasco mítico (aunque muy real) en la Europa de siglo XIX*. Donostia/San Sebastián, Disputación Foral de Gipuzkoa.
- Gorosabel, P. 1862. *Diccionario histórico-geográfico-descriptivo de los pueblos, valles, partidos, alcaldías e uniones de Guipúzcoa*. Tolosa, Imprenta de Pedro Gurruchaga.
- Herder, W. W. 2012. Acromegalic gigantism, physicians and body snatching. Past or present? *Pituitary*, 15(3): 312–318.
- Herrasti, L.; Etxeberria, I.; Miras, S.; Alonso, E.; Lambacher, N.; Raffone, C.; Mendiluze, L.; Tidball-Binz, M.; Yuste, R.; Almorza, K.; Etxeberria, F. 2022. Manifestaciones morfológicas del hueso en un caso de gigantismo hipofisario y escoliosis degenerativa. *XVI Congreso de Paleopatología* [Comunicação oral]. Girona, Asociación Española de Paleopatología.
- Ibaibarriaga, H. G. 1979. Miguel Joaquín de Eleicegui Ateaga: el gigante de Alzo (1818-1861). *Boletín de la Real Sociedad Vascongada de los Amigos del País*, 35(1–2): 141–216.
- Lemos, E. C. M. 2020. *António Manuel de Menezes*. [Acedido em 2-2-2020]. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Ant%C3%B3nio-Manuel-de-Menezes-1-%C2%BA-Conde-de-Seia/6000000020267375512>.
- Magalhães, J. P. 1996. Ler e escrever no mundo rural do antigo regime. Um contributo para a história da alfabetização e da escolarização em Portugal. *Análise Psicológica*, 4(14): 435–445.

- Martins, M. R. 2000. Coleções etnográficas do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, 1774–1874. In: *Gabinete de História Natural — Revivências*. Coimbra, Museu Zoológico da Universidade de Coimbra: 19–24.
- Martins, M. R. 1999/2000. Dente de narval: um bastão de autoridade. *Antropologia Portuguesa*, 16/17: 7–42.
- Martins, M. R.; Santos, A. L.; Miranda, M. A.; Matos, V. 2009/2010. Body modification and paleopathological evidence in the iconography from the 'Philosophical Travel' to Brazilian Amazonia' by Alexandre R. Ferreira (1783–1792). *Antropologia Portuguesa*, 26/27: 239–257.
- Mirabeau, B. A. S. 1872. *Memória histórica e comemorativa da Faculdade de Medicina*. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Múgica, S. 1896. El gigante de Alzo. *Euskal-Eria. Revista Bascongada*, 35: 410–415.
- Oses, J. A. Á. 1974. Un documento del gigante de Alzo. *Munibe*, 26(34): 197–199.
- Pearce, S. 1992. *Museums, objects and collections: a cultural study*. Leicester, Leicester University Press.
- Pellegrino, O. 2024. *Escrita das unidades de medida e grandezas de medição*. Lisboa, Memórias da Academia das Ciências de Lisboa.
- Pereira, H. 2020. The phrenological collection of Gama Machado in the Science Museum, University of Coimbra: from private foundation to university collection. *Journal of the History of Collections*, 32(1): 39–48.
- Raminelli, R. 1998. Ciência e colonização: viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Revista Tempo*, 6: 157–182.
- Revista Universal Lisbonense. 1844a. Gigante. 5 de junho, vol. III, série IV, 3022: 509.
- Revista Universal Lisbonense. 1844b. Gigante. 13 de junho, vol. III, série IV, 3049: 522.
- Revista Universal Lisbonense. 1844c. Gigante. 11 de julho, vol. III, série IV, 3157: 569.
- Rufino, A. C. F.; Tavares, A. C. P. 2018. Interpeleções de um esqueleto de hipopótamo no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. *Aula, Museos y Colecciones de Ciencias Naturales*, 5: 47–56.
- Simões, C.; Casaleiro, P.; Mota, P. G. 2013. O Museu da Ciência: uma colecção científica do século das luzes. In: Fiolhais, C.; Simões, C.; Martins, D. (eds.). *História da Ciência da Universidade de Coimbra*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra: 117–128.